

**NEOLIBERALISMO E DESENVOLVIMENTO DA CONCEPÇÃO DE MUNDO: UMA  
LEITURA A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

**NEOLIBERALISM AND THE DEVELOPMENT OF THE CONCEPT OF THE WORLD:  
A READING BASED ON HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY**

**EL NEOLIBERALISMO Y EL DESARROLLO DEL CONCEPTO DE MUNDO: UNA  
LECTURA DESDE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO CULTURAL**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.52629>

Juliano Baltazar Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** o trabalho debate o desenvolvimento do psiquismo e da concepção de mundo no período hegemônico pelo neoliberalismo e sua variante ideológica, o social-liberalismo. Em um primeiro momento, realiza-se uma discussão teórica sobre o conceito de social-liberalismo. No segundo, ocorre a exposição da Psicologia Histórico-Cultural enquanto compreensão de sujeito. No terceiro e último momento, examina-se uma letra do subgênero musical *funk ostentação*, utilizando a obra como objeto de análise da concepção de mundo de uma parcela da juventude no início da década de 2010. Conclui-se que o social-liberalismo reforça uma concepção de mundo voltada para o individualismo e a defesa da ordem.

**Palavras chaves:** Psicologia histórico-cultural. Neoliberalismo. Social-liberalismo. Funk ostentação. Concepção de mundo.

**Resumen:** la obra discute el desarrollo del psiquismo y la concepción del mundo en el período dominado por el neoliberalismo y su variante ideológica, el social-liberalismo. En un primer momento, se realiza una discusión teórica sobre el concepto de social-liberalismo. En el segundo, se expone la Psicología Histórico-Cultural como comprensión del sujeto. En el tercer y último momento, se examina una letra del subgénero musical funk ostentación, utilizando la obra como objeto de análisis de la cosmovisión de una porción de la juventud a principios de la década de 2010. Se concluye que el social-liberalismo refuerza una concepción de el mundo se centró en el individualismo y la defensa del orden.

**Palabras clave:** Psicología histórico-cultural. Neoliberalismo. Social-liberalismo. Funk ostentación. Concepción del mundo.

**Summary:** This paper discusses the development of the psyche and the worldview in the period dominated by neoliberalism and its ideological variant, the social-liberalism. At first, a theoretical discussion over the social-liberalism concept is carried out. In an second moment, there is an exposition of Historical-Cultural Psychology as an understanding of the subject. In the third and final moment, a lyric from the musical subgenre *ostentation funk* is examined and used as an analysis object of part of the youth's worldview in the beginning of the 2010s. In conclusion: social-liberalism reinforces a worldview focused on individualism and order defense.

**Keywords:** Historical-Cultural Psychology. Neoliberalism. Social-liberalism. *Ostentation funk*. Worldview.

### Introdução

Estamos neste momento no olho do furacão de uma crise orgânica do capital a nível mundial. Em particular no Brasil a crise do *bloco histórico* do neoliberalismo tem aberto uma disputa no interior do *bloco do poder* (BOITO JUNIOR, 2007) no qual setores da burguesia disputam sua direção de maneira acirrada. As eleições de 2022 explicitaram dois programas políticos que hoje têm maior força: de um lado, o neofascismo bolsonarista, que esteve na regência do poder executivo desde 2018, com uma base que tem núcleo duro fascista oriunda em sua maioria da pequena burguesia, posto em primeiro plano pelas principais frações da burguesia que viram seus planos de uma “terceira via” frustrados. Por outro lado, temos Luiz Inácio Lula da Silva, que busca reestabelecer um pacto que, embora sempre marcado por grandes tensões não só entre frações da burguesia e da pequena burguesia, mas também na classe trabalhadora, conseguiu como nenhum outro governo nas últimas décadas de democracia burguesa, conduzir uma conciliação e uma gestão social-liberal, através da qual, sem mudanças nos pilares da estrutura neoliberal e com recordes de lucratividade para a *burguesia interna*, foi possível ao mesmo tempo – graças a condições externas e internas – fomentar políticas para os setores mais precarizados.

A busca do consenso entre as frações burguesas está na política econômica. Embora nem todas estas frações se beneficiem de certas políticas consensuadas pelos ideólogos e “gestores” neoliberais, veem nesses mantras o único caminho possível para a retomada do crescimento de suas taxas de lucro. Os grandes veículos de comunicação que estão dentre os principais *aparelhos privados de hegemonia*, embora combatessem pontualmente algumas atrocidades realizadas pelo governo Bolsonaro, tinham em Paulo Guedes um ponto de unidade, vendo o ministro “*Chicago boy*” como um legítimo sucessor das políticas econômicas de Eduardo Garcia e Henrique Meireles, ministros da fazenda no governo Michel Temer.

É verdade que o governo de Dilma Rousseff, durante seu segundo mandato em 2015, buscou aprofundar o compromisso com políticas ortodoxas vindo a promover um ajuste fiscal, retirada de direitos e todo o receituário exigido pelo *bloco dominante*, mas “O neoliberalismo e a repressão no segundo governo Dilma eram ainda insuficientes para as necessidades do capitalismo no Brasil” (SIQUEIRA, CARCANHOLO, 2020, p. 172). Havia uma necessidade de reformas estruturais liberais que os governos petistas não poderiam atender na velocidade exigida, tendo em vista que as condições externas já não eram tão favoráveis quanto nos mandatos de Lula, o que limitava as opções conciliatórias.

Após o golpe de 2016 houve uma guinada, chamada de ultraliberal ou ultra neoliberal (CÔRTEZ, 2021), na qual dentre as principais consequências está o aprofundamento de reformas liberais que não fora possível em períodos anteriores dada a conjuntura desfavorável. Uma pergunta que nos fica é: quais são os fatores que possibilitaram um momento favorável para essas contrarreformas? Do ponto de vista subjetivo (ou psicológico), como tivemos uma guinada tão forte nas últimas décadas, atingindo seu ápice na eleição de um presidente neofascista no comando do executivo?

Desde a redemocratização burguesa no Brasil, tivemos diferentes governos, mas o pilar em comum da estratégia econômica neoliberal transcendeu programas políticos. Começando por Collor, passando por FHC, Lula, Dilma e Bolsonaro, o tripé macroeconômico, as privatizações, os programas sociais via mercado em maior ou menor nível se mantiveram enquanto “clausula pétrea”. Se a sociedade capitalista por sua própria natureza cria uma fetichização da realidade tornando aquilo que é produto social e, portanto, humano, como algo natural e místico, o neoliberalismo é uma forma particular capitalista que parece intensificar essa fetichização.

Diante de tal cenário, embora haja diversas determinações que resultaram no processo crítico que estamos passando no Brasil, décadas de neoliberalismo nos parecem ter relevância, já que como nos demonstra Iasi (2017) o conservadorismo não surge alheio a realidade ou sendo produto apenas de uma ou outra figura, ele é resultado da própria sociabilidade.

Esse trabalho visa contribuir para uma análise da particularidade psicológica em relação a este conturbado período histórico e sobretudo, a busca da construção de explicações para o retrocesso político, econômico e social no Brasil. Obviamente isso não é uma tarefa individual e tão pouco exclusivamente da psicologia, mas entendemos que esta ciência particular pode trazer um aporte teórico importante para pensar o problema. O tema da subjetividade e neoliberalismo contém uma literatura significativa, sobretudo nos últimos anos com Dardot e Laval (2016, 2016b), Fisher (2020), Safatle, Silva Junior e Dunker (2021), Maia (2022). Por extrapolar o objetivo e o espaço deste trabalho, não será possível discutir as proximidades e divergências com esses e outros autores, nosso objetivo aqui é trazer contribuições para o debate do neoliberalismo a partir da Psicologia Histórico-Cultural, propondo-se a uma discussão que se aproxime de níveis mais concretos de análise.

O artigo será dividido em três partes: em um primeiro momento, discutiremos sobre a categoria de neoliberalismo e sua via ideológica, o social-liberalismo e sua incidência no Brasil; em um segundo momento, será explorada, de maneira sintética, algumas categorias chaves da Psicologia Histórico-Cultural que nos possibilite compreender o desenvolvimento do psiquismo diante da era neoliberal; por fim, em um terceiro momento, discutiremos letra do subgênero do funk, o *funk ostentação*, que tem sua gênese no início da década passada e nos serve de indicador para compreender como a ideologia neoliberal aparece na subjetividade, entendendo que como diz Iasi (2017, p. 85) “é no senso comum que encontramos elementos valiosos de análise de nosso tema”.

### ***Neoliberalismo e a via social-liberal***

O neoliberalismo surge após a II Guerra Mundial, ainda limitado a uma corrente teórica e ao Estado de “bem-estar” que tinha como característica um intervencionismo estatal (ANDERSON, 1995; TARDELI, 2012). De autoria de Friedrich Hayek, o livro “O Caminho da Servidão”, de 1944, é tido como o genitor da concepção do neoliberalismo. Tendo como alvo o partido trabalhista inglês, pontuando que “apesar de suas boas intenções, a socialdemocracia moderada inglesa conduz ao mesmo

desastre que o nazismo alemão - uma servidão moderna" (ANDERSON, 1995, p. 9), o texto busca um retorno aos princípios liberais e faz um diagnóstico de que a intervenção estatal levaria inevitavelmente a uma servidão e a perda do que há mais de precioso: a liberdade.

Em 1947, com o avanço da social-democracia na Europa, Hayek organiza uma reunião com intelectuais liberais na Suíça, onde foi fundada a Sociedade Mont Pèlerin. O objetivo era a promoção das ideias liberais pelo mundo para confrontar as ideias *keynesianas*, hegemônicas nas principais potências daquele período. Dentre os presentes, estavam nomes como Milton Friedman, Karl Popper, Ludwig von Mises e Michael Polanyi.

Mas é somente com o declínio do modelo keynesiano, tendo como estopim a desaceleração econômica que já dava sinais no começo dos anos 70, mas que irá de fato explodir na crise do petróleo entre 1973 e 1974 (CARCANHOLO, 2008; CASTELO, 2013). O protótipo neoliberal foi no Chile, na ditadura de Pinochet, a qual teve estreita relação com alguns dos principais teóricos neoliberais, demonstrando que não há qualquer incompatibilidade entre ditadura e neoliberalismo. No centro capitalista a primeira experiência ocorreu na Inglaterra em 1979, no governo Thatcher, que ficou também conhecido pelo projeto neoliberal mais ortodoxo entre os países avançados, o qual seguiu literalmente seus pilares, como afirma Anderson (1995, p. 12):

O modelo inglês foi, ao mesmo tempo, o pioneiro e o mais puro. Os governos Thatcher contraíram a emissão monetária, elevaram as taxas de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram controles sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais. E, finalmente – esta foi uma medida surpreendentemente tardia –, se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida a indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água. Esse pacote de medidas é o mais sistemático e ambicioso de todas as experiências neoliberais em países de capitalismo avançado.

Na metade dos anos 80, a ideologia neoliberal já era hegemônica no capitalismo desenvolvido. Grande parte das experiências sociais-democratas escandinavas e governos do sul da Europa, como na França, Espanha, Itália, Grécia, que tentaram fazer um contraponto à onda neoliberal utilizando o método keynesiano e promovendo uma maior distribuição de renda e bem-estar social, tiveram mudanças radicalmente à direita. Assim como ocorreu na Oceania, na Nova Zelândia e na Austrália, sendo que na primeira destacou-se uma transição mais drástica em comparação com a própria Inglaterra, como enfatiza Anderson. Apenas Suécia, Áustria e Japão, países que compunham a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), resistiram à ideologia neoliberal.

Os principais objetivos neoliberais foram alcançados, como demonstrado no texto de Anderson (1995), dentre eles, a diminuição da inflação dos anos 70 que caiu de 8,8% para 5,2% entre os países da OCDE. Outro objetivo cumprido foi a recuperação do lucro empresarial, que cresceu 4,7%, tendo como grande motor o enfraquecimento dos sindicatos e aumento da taxa de desemprego, ocasionando um aumento no que Marx (2013) denominou de *exército industrial de reserva*.

A consolidação e globalização do neoliberalismo se efetiva nos anos 90, com o fim da guerra fria marcado pela queda do muro de Berlim e a contrarrevolução na URSS e nos países socialistas do leste europeu. “Por diferentes meios e caminhos, o neoliberalismo, atendendo às especificidades de cada uma das formações econômico-sociais, foi sendo desigualmente efetivado em todas as regiões do planeta” (CASTELO, 2013, p. 229), transformando-se em um “paradigma” quanto a estratégia política, econômica e cultural. Esse feito, como enfatiza Castelo, fora realizado a partir do consenso criado junto aos aparelhos privados de hegemonia, mas também via coerção em maior ou menor escala, como podemos observar nas repressões a greves, manifestações e o extermínio da população negra.

Porém, de maneira geral, como podemos definir o neoliberalismo? Castelo (2013) acentua a complexidade de implantação do regime neoliberal, diferente de como por vezes é colocado de maneira simplista, enfatizando que o processo não foi homogêneo, linear e fruto de cartilhas produzidas por um grupo de intelectuais, mas sim seguiu um curso marcado por resistências, tendo em vista que os princípios neoliberais entravam em contradição com as realidades particulares dos países e regiões. A título de definição mais geral, Carcanholo (2008, p. 262-263) propõe que

O programa neoliberal se caracteriza pela afirmação de uma estabilização macroeconômica (controle inflacionário e fiscal) como pré-condição, ora com políticas ortodoxas, e em alguns momentos até com políticas heterodoxas (de regime cambial fixo, ou “quase fixo”, por exemplo). Além disso, o programa afirma que a retomada dos investimentos e do crescimento só é possível após uma fase de reformas estruturais, que englobaria: abertura comercial e financeira, desregulamentação dos mercados (principalmente o de trabalho e o financeiro), amplo processo de privatização e liberalização dos preços.

Portanto, o neoliberalismo, mais que uma política econômica, é uma estratégia de desenvolvimento, tendo como uma de suas premissas a ampliação da mercantilização das relações humanas. Em síntese, o projeto neoliberal retoma temas bases do liberalismo clássico, como liberdade econômica e individualismo, no entanto reconhece a necessidade de um estado em sua dimensão jurídica, institucional e política para a sobrevivência neoliberal, devendo ser mínimo em tamanho e intervenção na economia e, paradoxalmente, autoritário com resistências contrárias como o sindicato, movimentos sociais e qualquer ameaça à sua hegemonia. (PETERS, 1995; SANTOS, 1997 *apud* MANCEBO, 2002).

O legado das medidas econômicas, políticas e sociais neoliberais na América Latina, seu é descrito por Borón (1995) como “uma sociedade heterogênea e fragmentada, marcada por profundas desigualdades - classe, etnia, gênero, religião etc. - que foram exacerbadas com a aplicação das políticas neoliberais” (p. 94). Carcanholo (2008) aponta que a estratégia neoliberal tem como efeito no capitalismo periférico o aprofundamento da dependência, e a alternativa encontrada pelos capitalistas é a *superexploração* da força de trabalho. Em um país como o Brasil teremos como os principais “alvos” a população negra, mulheres, população trans etc.

O Brasil foi o último país na América Latina a implantar um projeto neoliberal (FILGUEIRAS, 2006). Tal fato deve-se, por um lado, à dificuldade de um consenso entre os diversos interesses das frações burguesas e, por outro, à forte resistência política da classe trabalhadora, que culminou no

desenvolvimento do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT), o qual passa a ter a hegemonia política na esquerda brasileira, antes protagonizada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Como relata Filgueiras (2006), a força política dos trabalhadores, que foi uma resistência à chegada do neoliberalismo, acabou também unindo as frações burguesas para um objetivo comum, um projeto político/econômico que lhes garantisse o poder, o qual estava ameaçado pelos movimentos de massa. Essa união teve como expressão a candidatura de Fernando Collor, em 1989. O processo de implementação do projeto neoliberal passou por, pelo menos, três fases distintas, como descreve Filgueiras (2006, p. 186):

[...] uma fase inicial, bastante turbulenta, de ruptura com o MSI<sup>2</sup> e implantação das primeiras ações concretas de natureza neoliberal (Governo Collor); uma fase de ampliação e consolidação da nova ordem econômico-social neoliberal (primeiro Governo Fernando Henrique Cardoso - FHC); e, por último, uma fase de aperfeiçoamento e ajuste do novo modelo, na qual amplia-se e consolida-se a hegemonia do capital financeiro no interior do bloco dominante (segundo Governo FHC e Governo Lula).

O neoliberalismo, portanto, é um *bloco histórico* que surge por uma necessidade do capital de salvar-se de sua própria crise, buscando reestabelecer as taxas de lucro e tendo as diversas frações da burguesia sob a hegemonia da fração financeira. Como vimos, a consolidação do neoliberalismo sobre o mundo ocasionou diversos problemas sociais para a classe trabalhadora, sobretudo as camadas mais pobres e do qual podemos incluir as populações que sofrem de uma opressão estrutural, como a população negra, mulheres e LGBTs.

### **Social-Liberalismo**

Como discorre Castelo (2013, p. 245) “Na atual fase do capitalismo, o Estado não pode retroceder a um simples aparato policial de repressão e defesa da propriedade privada”, o velho ideário liberal já não se faz possível, já que desde o final do século XIX e durante o século XX houve uma socialização da política, a partir dos embates políticos das classes subalternas. Desta forma, para manutenção da hegemonia burguesa, se faz necessário a conjunção de um Estado ampliado que, junto aos distintos aparelhos privados de hegemonia, dê conta minimamente dos efeitos paupérrimos desta sociabilidade, tendo como objetivo a construção de um consenso que resguarde os pilares fundamentais desta nova “era” do capital, “sempre encorajados pelos aparelhos de coerção” (p. 245). O autor sintetiza a problemática central do social-liberalismo que é “preservar a primazia da *lógica do mercado* como mecanismo de alocação de recursos e conjugá-la com um nível de regulação estatal, evitando a agudização de certas expressões da ‘questão social’ e as revoltas populares [...]” (CASTELO, 2013, p. 258, grifo nosso).

Nesse sentido, na sociedade civil, diferente da visão idealista dos liberais que a entendem como um espaço homogêneo, livre das influências nefastas da política e da avidez e falhas do mercado, há aparelhos privados de hegemonia que carregam concepções de mundo progressistas e conservadoras. Tais aparelhos podem ter vínculo direto ou indireto com a burguesia. Castelo (2013), assim como

Virgínia Fontes (2020), expõe a dita “filantropia empresarial”, que com institutos próprios (Fundação Rockefeller, Fundação Itaú, Open Society Foundation etc.) ou financiando outras organizações sem fins lucrativos, conseguem disseminar a concepção de mundo próprio de sua classe e compatível com seus interesses, em uma roupagem “progressista”.

Diferente da primeira variante ideológica do neoliberalismo que Rodrigo Castelo chama de *receituário-ideal* e que defendia a necessidade de desigualdade para a estabilidade do sistema, a nova variante incorpora bandeiras e temas “progressistas”, mesclando com seus pilares fundamentais que é o individualismo, estabilidade macroeconômica e liberdade de mercado.

Embora, como pontua Castelo (2013), haja debates sobre a gênese do social-liberalismo no Brasil, parece haver um maior acordo entre os autores que é no período do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) que essa variante se consolida e atinge seu auge no Brasil. Neste período temos uma conjuntura externa favorável com a alta do preço das *commodities*, assim como uma facilidade de crédito. Internamente o clima também era favorável, permitindo esquecer os tempos sombrios do “período considerado como a pior estagnação do século” (ANDERSON, 2020, p. 60), através de um crescimento médio do PIB de “4% de 2004 a 2006”. Mesmo após a crise de 2008, a qual estremeceu o centro do capital, medidas anticíclicas possibilitaram um retorno do crescimento – mesmo que efêmero, como veríamos nos anos seguintes – em 2009.

Os governos petistas, possibilitaram uma maior transferência de renda para os estratos mais precários da classe trabalhadora e demais classes subalternas. Programas como o Bolsa Família proporcionaram uma diminuição extrema da miséria e inseriram toda uma parcela de pessoas no “reino do consumo”, assim como o Programa Universidade para Todos (ProUni) ampliou o acesso de jovens da classe trabalhadora à universidade e as cotas raciais viabilizaram o maior acesso da população negra aos cursos superiores. Além disso, houve uma expansão das universidades públicas e facilitação do financiamento estudantil, o que duplicou o número de brasileiros no ensino superior. Como pontua Anderson (2020, p. 62), “Combinados, o crescimento econômico mais rápido e a distribuição de renda mais ampla levaram à maior redução da pobreza na história brasileira”. Internacionalmente, Lula gozava de popularidade e respeito frente a outros estadistas e o Brasil passou de devedor a credor externo.

Os feitos dos governos petistas não devem ser menosprezados, mas colocados em seu devido lugar a partir de uma análise mais profunda. Se por um lado não há dúvidas sobre os benefícios imediatos das políticas sociais de Lula e Dilma, sobretudo aos mais pobres, é preciso compreender que tudo fora realizado tendo como base o núcleo duro da estratégia neoliberal. Basta analisar programas como o citado ProUni, que foi uma tentativa de solucionar o problema do acesso ao curso superior via mercado, cujo efeito foi o enriquecimento e formação de oligopólios da educação (os “tubarões do ensino”), enquanto muitos dos formados pelo programa não puderam ser absorvidos pelo mercado anos mais tarde. As medidas para lidar com a “questão social” não foram estruturais, tais como a reforma agrária, sistema tributário progressivo, reestatização de empresas de setores chaves, ampliação da participação política dos trabalhadores, reforma sindical visando dar maior força e autonomia para os trabalhadores

etc., ao contrário, a regra foi buscar administrar os problemas gerados por essa estratégia econômica, focando em programas mais imediatos cujo o resultado foi não apenas a manutenção da base neoliberal, mas em muitos casos o seu aprofundamento.

A ideologia social-liberal fortaleceu o consenso e a manutenção do capital financeiro no *bloco do poder*. No fundamental, manteve-se a base da estratégia de desenvolvimento econômico do governo FHC, ainda que sejam governos distintos na gestão neoliberal. Para este trabalho o mais importante desse processo é que esses fundamentos neoliberais reforçaram, do ponto de vista ideológico, princípios como individualismo, consumismo, elitismo, a naturalização do mercado enquanto único mediador possível das relações e a competição enquanto necessidade básica.

Anderson (2020, p. 67) adverte sobre os governos petistas “Uma vez no poder, Lula não mobilizou nem mesmo incorporou o eleitorado que o aclamara. Nenhuma conformação estrutural nova modelou as forças populares. A marca de seu governo foi, pelo contrário, a desmobilização”. A estratégia petista de conciliar as classes e suas frações acabou desarmando, do ponto de vista da consciência política, a base da qual o partido havia se originado. Como sublinha Mauro Iasi (2012, p. 534), analisando a transformação histórica do PT em seu programa de governo:

A consciência de classe, que havia encontrado no partido uma de suas principais mediações, converte-se novamente em consciência individual [...] a consciência da classe que nela – a organização partidária – se constituía, como não poderia deixar de ser, se fragmenta novamente em estranhamento individualizante.

O ponto crucial aqui é demonstrar como o governo social-liberal, embora incorporando pautas progressistas em sua agenda, por sua própria natureza, é incapaz de resolver problemas estruturais, já que tem como substância a estratégia de desenvolvimento e políticas neoliberais. Do ponto de vista subjetivo não houve avanços mas, ao contrário, o consenso social-liberal desarmou grande parte da classe que outrora foi combativa na oposição. As frações mais precarizadas da classe trabalhadora que diretamente se beneficiaram das políticas públicas – a chamada “classe C” – não apenas estava alheia politicamente, como se intensificou uma concepção de mundo liberal, já que sua “ascensão” veio unicamente via consumo. Como enfatizou o rapper Mano Brown em uma entrevista em 2017<sup>3</sup>,

Quem votou no Doria, pensa como ele. O cara que mora em uma comunidade e vota em um cara aristocrata, rico de raiz, que nunca sofreu nada, ele se sente como o Doria. No governo Lula, a pessoa comprou um carro, uma moto, um celular caro, agora ela quer trancar tudo com um cadeado e colocar a polícia na porta para defender.

A fala do artista sintetiza os valores hegemônicos na concepção de mundo dos trabalhadores e outros estratos sociais. A melhoria de vida somente via consumo sem qualquer educação política trouxe resultados catastróficos, já que no ano anterior Dilma Rousseff sofria um “*impeachment*” sem maior resistência das bases e com completa ausência das camadas mais pobres nas quais o partido teve maior força em anos anteriores (ANDERSON, 2020). Em torno da crise econômica, política e social deste período que irá culminar na eleição de Jair Bolsonaro, muitos determinantes devem ser destacados, como a atitude dos governos petistas diante das demandas populares na explosão de junho de 2013, o papel das igrejas evangélicas na ideologia conservadora, os interesses imperialistas em nossas reservas

energéticas, dentre outros que não será possível abordar nesse artigo. No entanto, é importante ressaltar que um dos pilares para este ciclo que possibilitou a ascensão do neofascismo ao executivo foi a ideologia liberal (ou neoliberal).

### ***Psicologia Histórico-Cultural e concepção de mundo***

Nessa seção, iremos apresentar de maneira sintética alguns pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural e sua teoria da personalidade, visando situar minimamente o leitor para o exercício a seguir.

A Psicologia Histórico-Cultural partiu de elaborações de Marx e Engels sobre o desenvolvimento do *ser* e realiza um debate com as principais linhas da psicologia de sua época. Vigotski (2000, 2004, 2021a e 2021b) junto com colaboradores, dentre eles Leontiev, Luria, Bozhovich, entre outros, irão construir uma nova concepção dentro da ciência psicológica.

O objetivo central de Vigotski era superar o “beco sem saída” em que a psicologia da época se encontrava no que diz respeito ao desenvolvimento do sujeito. Havia – assim como ainda há – diversas abordagens que não se articulavam, fechando-se cada qual em seu próprio sistema criado a partir de um objeto diferente (comportamento, consciência, inconsciente etc.). Diante de um contexto pós-revolucionário na URSS, no qual certos autores buscavam o desenvolvimento de uma psicologia marxista, o autor propõe a incorporação do método desenvolvido por Marx e Engels, pontuando que “A psicologia precisa de seu O Capital” (VIGOTSKI, 2004, p. 393), mas adverte que essa incorporação não pode ser realizada de maneira mecânica, transpondo conceitos marxianos ou marxistas para a ciência psicológica:

o que precisamos encontrar em nossos autores é uma teoria que ajude a conhecer a psique, mas de modo algum a solução do problema da psique, a fórmula que contenha e resuma a totalidade da verdade científica [...] o que sim pode ser buscado previamente nos mestres do marxismo não é a solução da questão, e nem mesmo uma hipótese de trabalho (porque estas são obtidas sobre a base da própria ciência), mas o método da construção (VIGOTSKI, 2004, p. 395)

Com base nesse aporte teórico e metodológico, seu caminho foi compreender o desenvolvimento cultural do psiquismo, sendo esta a chave para compreender a singularidade do comportamento humano frente aos demais animais. Segundo Vigotski (2000, 2021a), há duas linhas no desenvolvimento: a natural e a cultural. A primeira compreende-se como o amadurecimento orgânico, portanto geral da espécie; já a segunda é o desenvolvimento social e cultural da humanidade ao longo da história.

Evidentemente que estas linhas só estão separadas do ponto de vista analítico, já que como pontua Engels (2020, p. 145), “As leis eternas da natureza cada vez mais se transformam em leis históricas”, se referindo não só a natureza em geral, mas ao humano, produto de uma longa evolução da espécie e que, segundo a tese do autor, só foi possível graças ao trabalho, já que esse “é a primeira condição fundamental de toda vida humana, e em tal grau em certo sentido devemos dizer: ele criou o

ser humano como tal” (ENGELS, 2020, p. 337). Como vemos, Engels propõe que a própria evolução do gênero *Homo* até o surgimento do humano moderno, teve como elemento central o trabalho. Como aponta Pino (2000, p. 51) “na evolução das espécies ocorre um momento de ruptura quando a espécie homo desenvolve novas capacidades que lhe permitem transformar a natureza pelo trabalho, criando suas próprias condições de existência”. Já a cultura, por sua vez, para o autor bielorrusso, assume uma característica geral de história humana (PINO, 2000), aquilo que é produto humano se opondo ao natural (BEATÓN, 2005). Desse modo, a linha natural da qual fala Vigotski não é uma linha pura, imutável, e suas possibilidades de desenvolvimento estão totalmente atreladas ao social.

Isso posto, buscou-se responder de maneira mais concreta como estas duas linhas irão se desenvolver no plano *ontogenético*. Aqui propõe-se a *lei genética geral do desenvolvimento* (VIGOTSKI, 2000, 2012), sendo esse o processo pelo qual internalizamos as relações sociais transformando-as em funções internas. Essa internalização tem como unidade central o signo, que através do significado (generalização da realidade por via simbólica), reestrutura as funções psicológicas modificando não só a estrutura das *funções psicológicas elementares* (memória, pensamento, percepção), mas a relação entre estas, constituindo assim as *funções psicológicas superiores* (memória lógica, pensamento abstrato, atenção voluntária) uma relação complexa e unitária entre as funções antes isoladas. As funções psicológicas superiores foram antes funções interpessoais, sua origem em última instância serão as relações sociais desenvolvidas ao longo da história humana. Aqui vale lembrar uma afirmação de Marx (2008, p. 47), o qual diz “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. Assim, é em sua atividade na transformação do meio e nas relações sociais que o sujeito se transforma e se constitui.

Vigotski (2000, p. 24) destaca que “A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros”, essa é a peculiaridade da psicologia desenvolvida pelo autor e seus colaboradores em relação a outras escolas, pois aqui o social assume “a verdadeira fonte do desenvolvimento” (VYGOTSKI, 2012a, p. 264, tradução do autor). A principal lei de desenvolvimento da personalidade, segundo o autor, será a “transição de formas e modos de comportamento naturais, imediatos, espontâneos aos mediados e artificiais que surgem no processo de desenvolvimento cultural das funções psíquicas” (VYGOTSKI, 2012b, p. 226). Portanto, a personalidade é uma estrutura especificamente humana, já que sua origem é substancialmente social. Utilizaremos aqui a definição de Bozhovich (1976, p. XI, tradução do autor) de personalidade:

Consideramos que o termo personalidade corresponde à pessoa que atingiu um certo nível de desenvolvimento psíquico. Este nível é caracterizado pelo fato de que no processo de autoconhecimento, o homem começa a se perceber e vivenciar-se como um todo único, diferente de outras pessoas e que se expressa no conceito de “Eu”. Tal nível de desenvolvimento psíquico se caracteriza também pela existência no homem de opiniões e atitudes próprias, de exigências e suas próprias avaliações morais que o fazem relativamente estáveis e independentes das influências do meio, diferentes com suas próprias convicções. Uma característica essencial da personalidade é sua atividade. O homem com este nível de desenvolvimento é capaz de influir conscientemente na realidade ao seu redor, transformá-la e transformar-se

a si mesmo conforme seus objetivos. Em outras palavras, em nossa opinião, o homem que constitui uma personalidade, possui um nível de desenvolvimento tal, que o faz capaz de dirigir sua própria conduta e atividade, e em certa medida, seu próprio desenvolvimento psíquico.

Como podemos observar, para a autora personalidade significa uma estrutura superior do psiquismo que se desenvolve ao longo da vida. Para a autora “O fator principal na estruturação da personalidade é o desenvolvimento da esfera motivações” (NEYMARK, 1978, p. 143). Sua forma completa – do ponto de vista estrutural – se dará somente no adulto. Embora outros autores na histórico-cultural e em outras linhas próximas na psicologia russa tenham trabalhado o tema da personalidade, como Zeigarnik (1976), Leontiev (2021), Rubinstein (1977), Séve (1979), neste artigo iremos trabalhar com os trabalhos de Vigotski, Bozhovich e seus colaboradores.

A *concepção de mundo* nos é uma categoria fundamental, pois nela está contida os modos de pensar de um grupo ou pessoa, os valores, crenças, preconceitos. Gramsci (2022, p.94) pontua como somos sempre homens-massa ou homens-coletivos, nossa mais profunda intimidade está relacionada com um grupo dos muitos grupos sociais do qual pertencemos, e por isso pontua que “o problema é o seguinte: qual é o tipo histórico de conformismo, de homem-massa do qual fazemos parte?”. Para o autor, o sujeito pode ter uma personalidade desorganizada e caótica, composta por uma multidão de homens-massa e concepções de mundo de diversos períodos da humanidade, por isso a necessidade de uma concepção de mundo crítica e coerente. A concepção de mundo para Gramsci (2022, p.95) “responde a determinados problemas colocados pela realidade”, mas há diferentes maneiras de responder a essa realidade, tais como a filosofia, a ciência, o folclore, o senso comum, religião.

Na psicologia Histórico-Cultural, Vigotski (2021, p. 442) concebe o conceito de maneira sintética e genérica e diz que “do ponto de vista do seu conteúdo, o processo de desenvolvimento cultural pode ser caracterizado como o desenvolvimento da personalidade e da visão de mundo da criança”. O próprio autor pontua que são conceitos ainda provisórios, não avaliados com o rigor científico necessário. Nesse sentido, enquanto tende a “igualar a personalidade da criança ao seu desenvolvimento cultural” (VIGOTSKI, 2021, p. 442), a concepção de mundo tem um “significado sintético, como a personalidade em um aspecto subjetivo. A visão de mundo é o que caracteriza o comportamento de uma pessoa em geral, a relação cultural da criança com o mundo exterior.” (VIGOTSKI, 2021, p. 403).

Bozhovich (1976) busca desenvolver o conceito junto à sua teoria sobre o desenvolvimento da personalidade na ontogenia da criança escolar. Para a autora, a partir de uma *posição interna* direcionada ao futuro na idade escolar superior, pois este necessita pensar de maneira mais efetiva sobre sua profissão e outras necessidades da fase adulta, a *autodeterminação*, um importante mecanismo que surge de maneira mais consolidada na adolescência, passa a ter centralidade afetiva. Isso coloca como exigência para o jovem ter seus próprios pontos de vista sobre a vida social, ciência, política, moral, uma *autoconsciência* que será cada vez mais importante na vida do sujeito. Todo o desenvolvimento anterior do sujeito pavimenta o caminho para a consolidação da concepção de mundo, mas “[...] em particular, a formação do pensamento conceitual na adolescência” (BOZHOVICH, p. 316, tradução do autor).

A concepção de mundo permite o sujeito avançar na capacidade humana de agir de maneira mais espontânea e, portanto, com maior liberdade das influências imediatas do ambiente, mas também internas. Como coloca a autora, “agora o escolar se faz consideravelmente livre do domínio das influências externas e de seus próprios impulsos diretos internos” (BOZHOVICH, 1976, p. 331, tradução do autor). A concepção de mundo organiza a hierarquia de motivações no sujeito. Esse conjunto de motivações irá formar a *orientação da personalidade*<sup>4</sup>. Segundo Bozhovich (1976, p.349, tradução do autor) “[...] nossa hipótese é que a estrutura integral da personalidade se determina, antes de tudo, pela sua orientação”. A orientação da personalidade, como pontua a autora, tem como conteúdo o grupo de motivos dirigentes<sup>5</sup>, sendo estes, inclusive, um dos pilares para a educação soviética naquele momento, já que “justamente eles determinaram a tendência (direção) da personalidade, a existência ou ausência de atividade social [...]” (BOZHOVICH, 1978, p. 6, tradução do autor), e portanto, era preciso educar a partir de uma concepção coletiva, para que tais motivos tenham um caráter voltado ao social e não ao individualismo. Na conduta do sujeito, dentre a variedade de motivadores, há aqueles que tem uma homogeneidade e ocupam uma posição dominante, este grupo “precisamente, define o caráter e a tendência da conduta nesta determinada situação” (BOZHOVICH, 1978, p. 7, tradução do autor) e a estrutura hierárquica das motivações da pessoa. Em outras palavras, as motivações dominantes para o sujeito determinam a direção da sua personalidade. Evidentemente que nossas motivações mudam ao longo da vida em maior e menor escala e, portanto, a direção da personalidade pode ter mudanças. Entretanto, principalmente a partir da fase adulta vai se formando uma estrutura cada vez mais estável.

Assim como as motivações podem ser conscientes ou inconscientes, a orientação da personalidade segue a mesma lógica. Nos trabalhos de Bozhovich (1976) e de sua colaboradora, M. S. Neymark (1978), pode ser evidenciado que uma pessoa pode ter orientações da personalidade conflitantes, isto é, cadeias motivacionais que disputam a direção da personalidade, por vezes com intensos conflitos. Esta cisão nos ajuda a pensar na alienação na sociedade capitalista.

Marx irá formular seu conceito de alienação a partir de seu debate com Hegel (KONDER, 2020). Diferente de Hegel, que via na alienação um processo essencial e positivo por se tratar do movimento do espírito absoluto se objetivando na realidade sensível, Marx entende a alienação enquanto um processo histórico originado pela divisão social do trabalho e advento da propriedade privada, na divisão entre interesse privado e interesse comum. Nesse processo “a própria ação do homem torna-se um poder que lhe é estranho e que a ele é contraposto, um poder que subjuga o homem em vez de por este ser dominado” (MARX; ENGELS, 2007, p. 36).

Essa será também a origem da ideologia, entendida pelos autores como ideias que representam o interesse de classe – particular – enquanto universal (KONDER, 2020). Esse processo é uma necessidade de manter a ordem social de acordo com os anseios da classe que detém o poder, “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes” (MARX; ENGELS, 2007, p.36), e isso é exercido por uma série de instrumentos, toda uma superestrutura que envolve instituições do Estado –

que será o Estado da classe dominante –, mas também aparelhos privados de hegemonia (FONTES, 2020).

Na sociedade capitalista, a alienação tem uma expressão particular que Marx denominou de *fetichismo da mercadoria*. Segundo o autor, a generalização da forma mercadoria no qual se inclui a *força de trabalho* (capacidade exclusivamente humana de modificar a natureza de maneira intencional), produz uma distorção em que “ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos” (MARX, 2008, p. 206). O produto humano passa a ser visto enquanto natural, uma forma fantasmagórica da relação entre coisas, como se tivessem vida própria. Esse processo, como menciona Konder (2020, p. 54), se manifesta na própria linguagem cotidiana, quando dizemos que “o pão subiu, a manteiga abaixou, o açúcar sumiu, o leite melhorou[...]”, dando a impressão de que as mercadorias passam a se mover por vida própria.

Com base no que foi exposto, entendemos que o neoliberalismo sustentado pela fração financeira que detém a hegemonia frente a outros blocos, consegue impor em forma de consenso, isto é, como ideologia, os seus interesses. O social-liberalismo, como colocado por Castelo, fora uma solução bastante adequada para manter a hegemonia neoliberal, já que no âmbito político e econômico pode absorver pautas antes sob domínio da esquerda e colocar como pautas universais, “apartidárias”, mas que no fundo carregam os princípios liberais. Buscando demonstrar isso de maneira um pouco mais exemplificada, no próximo ponto iremos discutir e analisar o *funk ostentação*, um subgênero musical que surgiu no apogeu do social-liberalismo e que, embora tenha célebre importância para a autoestima, organização cultural e sobrevivência dos jovens periféricos, contraditoriamente traz, em seu seio, conteúdos que explicitam os pilares do neoliberalismo na principal expressão artística da periferia naquele momento.

À vista dessa breve introdução, passaremos a analisar um subgênero do funk, denominado de funk ostentação e, sob o olhar do materialismo histórico-dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, explorar letras de algumas músicas visando investigar as concepções de mundo expostas. Como diz Gramsci (2020), na linguagem, por mais simples que seja, há uma concepção de mundo, e, em sentido semelhante, Vigotski (2001, p.486) irá dizer que “A consciência se reflete na palavra como o sol em uma gota de água”.

### ***O funk ostentação e sua concepção de mundo***

A partir do debate teórico em torno do neoliberalismo e sua via social liberal, assim como sobre o desenvolvimento do sujeito e sua concepção de mundo, buscamos agora explorar um nível mais concreto. Para conseguir se aproximar da concepção de mundo de um determinado momento histórico, optamos por examinar o conteúdo de letras de músicas, tendo como base a compreensão de que a arte é um elemento significativo da cultura e reflete hábitos, desejos, valores, sentimentos do contexto histórico no qual está inserido.

Retomamos, aqui, a ideia de que determinada ideologia é dominante por ser a ideologia da classe dominante e enfatizamos que a análise exposta não é moral e nem temos a intenção de colocar o funk como um gênero “alienado” ou pobre do ponto de vista cultural. Há o reconhecimento da importância histórica do gênero musical para a juventude periférica e, inclusive, para o autor que aqui vos fala.

O funk brasileiro assim como outras músicas negras produzidas no Brasil é uma expressão do que Gilroy (2012) categorizou de Atlântico Negro. As rotas antes utilizadas para o comércio triangular (WILLIAMS, 2012) de escravos, matérias primas e mercadorias também foi um importante caminho de trocas culturais, processo que se intensifica na modernidade com os avanços da tecnologia.

Foi assim que na procura de discos de hip hop nos Estados Unidos, em uma viagem para Miami, é conhecido uma vertente do gênero que estava fazendo sucesso: o *Miami bass*. A reprodução desse subgênero nos bailes do subúrbio carioca, que foram gradualmente substituindo a *black music* de origem estadunidense e o soul brasileiro, é o marcador do início do funk carioca (BESCHIZZA, 2015; LAIGNIER, 2011). Mas será somente no final da década de 90, quando surge o tamborzão, batida que substitui a bateria eletrônica do *Miami bass*, que o gênero irá se “abrasileirar” de maneira mais profunda, já que agora a batida teria como base o atabaque, tirado de produções nacionais (BESCHIZZA, 2015).

A música analisada será do popularmente chamado “funk ostentação”. A escolha deste subgênero do funk brasileiro se dá por alguns motivos: a) hoje o funk é um dos gêneros musicais mais escutados no Brasil<sup>6</sup>, portanto, há uma relevância por se tratar de um gênero popular; b) o funk ostentação, embora não seja o único gênero musical a expressar uma visão de mundo neoliberal nos permite, pela própria natureza das letras de ser “direta e reta”, ilustrar o fenômeno apontado no trabalho; c) como sublinha Pereira (2014 ,pp. 7-8) em um estudo etnográfico, os jovens que consomem o funk ostentação “Em sua maioria, são jovens muito pobres ou no máximo de estratos mais baixos de certa classe média”. Podemos observar que o funk ostentação atingia parcelas mais precárias da classe trabalhadora, sendo essa fração parte importante da base eleitoral dos governos petistas do qual tivemos o auge do modelo social-liberal.

O funk ostentação surge no início da segunda década do século XXI, muito influenciado pelo “funk proibidão” do Rio de Janeiro e Baixada Santista, assim como o “funk consciente”. Nascido em 2008, teve o seu auge entre os anos de 2012 e 2014 (FUNK, 2012), porém músicas contemporâneas como “Evoque prata”<sup>7</sup> e “Vou de lala”<sup>8</sup> ainda mantém vivo o subgênero, assim como muitos elementos permanecem em outros subgêneros do funk.

O contexto de seu nascimento, do ponto de vista econômico e político, é o cume dos governos petistas. A estratégia do governo de crescimento via exportação de *commodities* que vivia um grande ciclo e o aumento do consumo interno possibilitou ao Brasil altas taxas de crescimento. Mesmo após a grande crise de 2008, o país teve crescimento de 7,5% no último ano do governo Lula (ANDERSON, 2019). O consumo interno seja via aumento real do salário-mínimo e transferência de renda como o bolsa família ou a partir de uma injeção de crédito ao consumidor, teve como resultado um *boom* no consumo dos

setores mais precarizados da classe trabalhadora, chegando ao ponto de o consumo nas periferias superar o consumo do centro em São Paulo<sup>9</sup>.

No primeiro governo Dilma, o preço das *commodities* despencou no cenário internacional, “o minério de ferro caiu de 180 para 55 dólares a tonelada, a soja caiu de 40 para 18 dólares a saca, o petróleo bruto despencou de 140 para 50 dólares o barril” (ANDERSON, 2020 p.94), e, por outro lado, o consumo interno esbarrou em seus limites de crescimento quando o endividamento das famílias disparou. Embora a economia já estivesse em processo de desaceleração que irá culminar na estagnação de 2014 e recessão em 2015, no ano de 2011 a taxa de emprego permanecia em seu menor nível na série histórica<sup>10</sup>, inclusive entre os jovens<sup>11</sup>.

O funk ostentação, portanto, foi uma produção artística que refletiu o sentimento de realização via consumo por uma parte da classe trabalhadora, sobretudo da juventude. A fantasia é uma função importante nesse subgênero como menciona Pereira (2014), é fundamental para amplificar esses afetos que, mesmo em condições reais bastante distantes da vida luxuosa narrada pelos MC's, se realizam através das músicas. Mas é importante notar que essa imaginação/fantasia – assim como todo ato de imaginar, como nos lembra Vigotski (2018) – tem base real. Como pontua o autor, a imaginação está intrinsicamente relacionada com nossa capacidade de criação, de transformação da realidade de maneira espontânea. Segundo ele o mecanismo da imaginação tem como pressuposto a própria experiência do sujeito, “Ela – criança – acumula material com base no qual, posteriormente, será construída sua fantasia”. (p. 36). Nessa perspectiva, toda imaginação tem como base a realidade, o mundo objetivo. Diante desse conteúdo assimilado, há uma dissociação e associação das impressões, uma reconstrução da realidade no campo psicológico. A imaginação nos permite ir além do experienciado, Vigotski menciona a capacidade de exacerbação e atenuação de elementos da realidade, processo que podemos observar como exemplo nas letras de funk.

Observemos a letra de “*É bem assim que a gente tá*”, do Mc Tchesko de 2012<sup>12</sup>:

É bem assim que a gente tá  
Com mansão a beira mar  
Na praia do Guarujá  
Foi bem difícil, mas valeu  
Nessa história eu fui mais eu  
E hoje eu posso te contar, dinheiro  
  
Vim de uma quebrada pobre  
Mas minha rica vontade  
Fez correr atrás do corre  
Não seja lock<sup>13</sup> vá em frente que nem eu  
Tive muita fé em Deus  
Olha o que que aconteceu  
Antigamente era só role de *bike*  
Agora é nave na pista de *Amarok*<sup>14</sup>  
Porsche *Cayene*, 1100<sup>15</sup> pra cilindrar  
Olha come que nois tá  
Nessa vida nível A.

Mas só que na escola ela nem me dava bola  
Agora chora porque o mundo da volta  
Antigamente era não atrás de não  
Hoje não existe não, ela come na minha mão  
Indo e vindo nessa vida eu muito vi  
E nela sempre eu serei um aprendiz  
Passo o cartão sem limites pra sonhar  
e quem sonha chega lá  
Tamo aí pra confirmar.

Na primeira estrofe já podemos notar a dois conteúdos fundamentais da fantasia liberal: a propriedade e o mérito individual. O personagem tem uma “mansão a beira mar” e enfatiza que “nessa história eu fui mais eu”, um pensamento que tem muita força no senso comum, mas que pode ser encontrado também em autores neoliberais, como é o caso de Mises (2010, p.19) quando diz que “A situação de vida de cada um depende de seus próprios feitos”. A concepção abstrata e formalista de liberdade para os liberais tem no indivíduo o ponto central, o sucesso será fruto do esforço pessoal, tal como o fracasso terá como principal motivo a falta de capacidade do sujeito. Como diz Losurdo (2020, p.99) “Deste ponto de vista, um traço implícito ou declaradamente social-darwiniano atravessa a tradição liberal”.

Ao nos determos na frase “vim de uma quebrada pobre/mas minha rica vontade me fez correr atrás do corre”, percebemos como a *posição objetiva* em que grande parte desses jovens se encontram – bairros periféricos expostos a altos índices de criminalidade e com pouca presença do Estado, exceto pela polícia militar que contribui para o ambiente de guerra – é um campo fértil para a penetração de uma concepção de que só “fortes vencem”, a noção de que “sou mais um diamante, retirado do meio da lama”, como vemos na letra de Nego do Borel<sup>16</sup>. A sociedade burguesa em sua expressão neoliberal radicaliza a “selva habitada por feras selvagens” que Rousseau aludiu (*apud* MARX, 2011, p. 28).

Essa necessidade de “vitória” plasmada na atividade de consumo parece necessitar, em certa medida, de um distanciamento da sua velha posição social. Isso aparece não somente na mudança geográfica, da “quebrada pobre” para a “mansão no Guarujá”, mas também enquanto classe social, como podemos observar melhor na música do MC Menor do Chapa<sup>17</sup> “Eu sou patrão não funcionário”, algo muito parecido dito por MC Daleste<sup>18</sup>, “nasci pra ser patrão e nunca vou virar funcionário” e assim como MC Guimê com sua música “Tá patrão”<sup>19</sup>, vemos como a figura do burguês enquanto ser de poder irrestrito, capaz de suprir qualquer necessidade por conta do dinheiro e, sobretudo, estar em uma posição hierarquicamente mais alta na sociedade, é um *ideal* no sentido que nos apresenta Dukat (1965). A autora demonstra que o *ideal*, assim como outras funções psicológicas, se desenvolve junto a idade tendo como motor a relação com o social e cultural. Na fase mais madura formamos ideais que podem ser características da personalidade de pessoas, personagens e no caso aqui, de classe.

Porém, o mesmo MC Guimê pontua algo interessante na letra de sua música, “a picadilha<sup>20</sup> pode ser de boy/Mas não vale esquecer que somos vida loka”, algo semelhante pode ser visto em MC Pikeno e Menor, “playboy paga pau nós nunca foi, nós se adianta/ nunca precisei de pai pra pagar minhas contas” e mais adiante diz “Não gosta de favelado, mas a sua filha gosta”. Aqui, não podemos deixar de

pensar no *sujeito periférico*, categoria que D'Andrea (2013) utilizou para uma nova forma de subjetividade nas periferias. Para o autor, o sujeito periférico se define pela pessoa que se reconhece enquanto periférica (periférico para si, segundo o autor), passa a ter orgulho dessa sua posição social e age politicamente a partir disso. Embora podemos localizar os dois primeiros movimentos ao menos, no funk ostentação, não podemos encontrar o terceiro movimento, o da luta política. Porém, ainda que de maneira passiva, o funk ostentação foi o principal motor para uma mobilização política que se cunhou o nome de “*rolezinhos*” (BESCHIZZA, 2015).

A contradição do “ser patrão” ao mesmo tempo que enaltece o “ser favelado” (ou vida loka) nos faz lembrar de Bozhovich (1976) e Neymark (1978) quando mencionam que o sujeito pode ter orientações da personalidade conflitivas. No que diz respeito a visão de mundo, esse processo exemplifica o que Gramsci (2022) apontava enquanto uma concepção de mundo caótica, mas que diante da grande “soma de retalhos” de visões de mundo que pode constituir o senso comum, há uma dimensão importante, um “*bom senso*” que, segundo o autor, é o núcleo sadio do senso comum.

Na frase “Mas na escola ela nem me dava bola/ Agora chora porque o mundo dá volta/ Antigamente era não atrás de não/ Hoje não existe não, ela come na minha mão” nos faz ponderar sobre o conceito de valorização externa. Esse é um componente importante para o desenvolvimento do sujeito (BOZHOVICH, 1976; SLAVONKO, 1978), tendo um papel bastante central na infância, sobretudo por parte dos adultos mais próximos. A partir da adolescência, a auto valoração<sup>21</sup> se desenvolve e começa a ter maior força na motivação do sujeito, o qual passa a ter opiniões mais formadas, aspirações, reconhecer seus gostos etc. Mas em uma sociedade dominada pelo mercado e, portanto, fetichizada, a validação tenderá a ser por intermédio da mercadoria.

Outro ponto importante da letra que nos faz pensar na articulação da concepção de mundo com a ideologia hegemônica de nosso tempo diz: “Passo o cartão sem limites pra sonhar/ e quem sonha chega lá, tamo aí pra confirmar”. As aspirações são necessidades profundas, de alto nível hierárquico na personalidade e, portanto, grande força motivadora. Bozhovich (1976) menciona o quão importante é para o sujeito a realização destas aspirações, alertando que a criança – e podemos expandir também para adultos – deve conseguir equilibrar expectativas e possibilidades objetivas de realização de determinada aspiração, já que, caso o contrário, poderá ter vivências bastante negativas. É nesse sentido que a letra parece expressar uma fantasia que é comum, a de não haver barreiras para os desejos. A representação de alguém que pode realizar essa necessidade será o burguês.

A partir da construção teórica de Vigotski (2000, 2021), entendemos que o psiquismo é constituído histórica e culturalmente, tanto em sua estrutura funcional como nos conteúdos de sua concepção de mundo. Isso nos permite situar historicamente a esfera motivacional desses sujeitos não como algo *a priori*. Aqui cabe muito bem a avaliação de Engels (2020, p.145) onde as “leis naturais eternas se transformam cada vez mais em leis históricas”, nesse sentido a “natureza humana” passa a ser histórica. O funk ostentação, nesse sentido, nada mais é que essas necessidades e aspirações

musicalizadas. A necessidade de validação do meio via consumo não foi criada pelo funk ostentação, mas pelas relações sociais de nosso momento histórico.

É nesse sentido que discordamos de análises como o trabalho de Pires e Moreira (2019, p. 86). Na busca de analisar o funk ostentação a partir de uma leitura psicanalítica, mistifica o fenômeno atribuindo a abstrações como “[...] ideais hedonistas e narcisitas da cultura pós-moderna” e busca atribuir a questão dos adolescentes que ingressam nesse gênero musical a partir dos conceitos de *narcisismo* e *sublimação*. Ao analisar dois fragmentos de fala de adolescentes que vivem em um contexto de criminalidade, buscam encontrar as relações desse gênero musical com essa realidade violenta.

Vemos nesse trabalho um exemplo de leituras em que a realidade externa é apenas um objeto no qual o interno irá buscar se concretizar. No artigo citado, seja a partir do processo de *sublimação* ou narcísico, vemos que ambos são apenas “arranjos culturais que o sujeito precisa dar a seu circuito pulsional” (PIRES; MOREIRA, 2019, p. 96). Perceba como a necessidade humana aqui é *a priori* e nada tem de relação substancial com a totalidade das relações sociais. Há uma necessidade pura e a-histórica que irá impulsionar o sujeito a se realizar em um ou outro aspecto da cultura. Nossa compreensão é que as próprias necessidades, que nem sempre são conscientes, já que podem se manifestar em forma de impulsos inconscientes (Bozhovich, 1976), se desenvolvem socialmente. Acreditamos que o jovem se realiza no funk ostentação não por uma pulsão, mas por necessidades que se manifestam como “validação”, “poder”, “reconhecimento” dentre outros exemplos, e que sua origem está, em última instância, nas relações sociais e no modo de produção de seu tempo histórico.

### ***A título de conclusão***

Concordamos com Politzer (*apud* SÉVE, 1979, p. 209) que a “psicologia não possui de modo nenhum o ‘segredo’ dos fenômenos humanos, simplesmente porque este ‘segredo’ não é de ordem psicológica”, ou seja, é na totalidade das relações sociais que iremos nos aproximar do “*segredo dos fenômenos humanos*”. É nesse sentido que propomos uma conversa que envolve a crítica da economia política e a psicologia histórico-cultural para compreender um determinado momento histórico. Partimos de uma análise da estratégia de desenvolvimento hegemônico, o neoliberalismo, forma particular do capitalismo hoje. Como bem ressaltam Lefebvre e Guterman (2018), para o materialismo histórico e dialético não há um ser puro do qual partirmos, o *ser* é a mais alta abstração, daí a impossibilidade de este ser o ponto de partida. Acreditamos que é diante desse princípio que podemos avançar no conhecimento mais concreto da “subjetividade”.

O objeto analisado, o funk ostentação, nos revela uma concepção de mundo que reflete certos princípios fundamentais do neoliberalismo, como individualismo, meritocracia, consumo como caminho para “vitória”. Nascido em um período histórico particular, o auge dos governos do PT em que, segundo Castelo (2013), se avançou sob social-liberalismo, a melhoria na qualidade de vida da população mais precarizada foi compreendida e expressada em forma de arte a partir da concepção liberal.

Por outro lado, nota-se concepções que fogem da concepção liberal e inclusive entra em conflito com esse, aparece como um orgulho e “identidade periférica” em contraposição ao do “playboy”, assim como quando escutamos expressões como “Na favela nós tem respeito/ Piscina e lazer pra molecada no direito”<sup>22</sup>, traz uma visão mais comunitária, coletiva. Essas contradições do funk ostentação demonstram que há um conflito na concepção de mundo, uma disputa pela hegemonia e embora, como podemos observar na breve análise das letras das músicas, os conteúdos são hegemonicamente ligados a ideologia dominante, a própria experiência a partir de uma posição objetiva que contrasta com essa visão – classe social, raça/etnia, periferias etc. – junto a relação com outras concepções de mundo diferentes da liberal, produz germes para um pensamento antiliberal. Aqui nos parece importante o papel da educação política, já que, como nos diz Gramsci (2022), é preciso uma concepção de mundo crítica e isso se dá somente criticando a própria concepção de mundo, elevando o nível de autoconsciência.

Observamos a partir das letras do funk ostentação um pequeno exemplo da concepção de mundo plasmada em arte que teve força entre setores da sociedade, sobretudo na juventude da classe trabalhadora. Nossa compreensão e tese aqui defendida é que o longo percurso do neoliberalismo no Brasil constituiu sujeitos com aspirações que refletem a visão de mundo dessa estratégia econômica. Diante dessa compreensão, algumas consequências podem ser notadas, embora não pudemos explorar devidamente por limitação de espaço, como por exemplo a mudança brusca no cenário político expressado no apoio de parcela da população ao golpe de 2016 e nas eleições de 2018, assim como a expressiva força em 2022. Embora estejamos falando de partidos de espectros políticos opostos, há algo mais ou menos em comum: a estratégia econômica, que varia entre um neoliberalismo puro ou social-liberal.

Por fim nos é de grande importância avançar sobre estudos do desenvolvimento do psiquismo a partir de análises cada vez mais concretas, na articulação das categorias mais gerais da Psicologia Histórico-Cultural em particular e o Materialismo Histórico-Dialético como método mais geral, junto a realidade brasileira. Nesse sentido, investigar expressões culturais em seus diversos âmbitos nos parece um caminho fecundo para o avanço coletivo de nossa ciência.

### **Referências:**

ALBUQUERQUE, Guilherme Souza C. de; SILVA, Marcelo José de Souza e. Sobre a saúde, os determinantes da saúde e a determinação social da saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 103, p. 953-965, out./dez. 2014.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995

ANDERSON, Perry. **Brasil à Parte: 1964-2019**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BEATÓN, Guillermo Arias. **La Persona en lo Histórico Cultural**. São Paulo: Linear B, 2005.

BESCHIZZA, Christian Barcelos Carvalho Lima. **Uma Introdução ao Funk Carioca: trajetória inicial e um guia bibliográfico para futuras pesquisas**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2013.

- BOITO JUNIOR, Armando. **Estado e burguesia no capitalismo neoliberal**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 28, p. 57-73, jun. 2007. FapUNIFESP (SciELO).
- BORÓN, Atilio. A sociedade civil depois do dilúvio neoliberal. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 63-118.
- BOZHOVICH, Lídia Ilinitchna. (1976). **La personalidad y su formación en la edad infantil: investigaciones psicológicas**. La Habana, Cuba: Pueblo y Educación.
- BOZHOVICH, Lídia Ilinitchna. El problema del desarrollo de la esfera motivacional en el niño. In: BOZHOVICH, Lídia Ilinitchna. **Estudio de la motivación de la conducta de los niños y adolescentes**. Moscou: Esditorial Progreso, 1978. p. 9-41.
- CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e política econômica**. Revista de Economia Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 247-272, ago. 2008.
- CARCANHOLO, Marcelo Dias; SIQUEIRA, Luana de Souza. **Governo Bolsonaro e os Impactos do Neoconservadorismo no Brasil**. Anuario de Estudios Políticos Latinoamericanos, v. 6, p. 169-196, 2020.
- CASTELO, Rodrigo. **O social-liberalismo: auge e crise da supremacia burguesa na era neoliberal**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- CÔRTEZ, Thaís Lopes. A potenciação da expropriação no ultraneoliberalismo brasileiro. **Mundo Livre: Revista Multidisciplinar**, v. 7, n. 1, p. 62-85, 14 jun. 2021.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, 2013.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. **Revista O Olho da História**, n. 22, jun. 2016. Disponível em: <https://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/04/dlneoliberalismo.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- DUKAT, L. Y.. Sobre la función de los ideales en la edad escolar y algunas particularidades. In: BOZHOVICH, Lídia; BLAGONADEZHINA, Liubov. **Psicología de la personalidad: del niño escolar**. Havana: Nacional de Cuba, 1965. p. 121-152.
- ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FILGUEIRAS, L. O Neoliberalismo no Brasil: Estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. In: BASUALDO, E. M.; ARCEO, E. **Neoliberalismo y Sectores Dominantes: Tendências globales y experiencias nacionales**. Buenos Aires: Clacso Libros, 2006, p. 179-206.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FONTES, Virgínia. **Capitalismo filantrópico? Múltiplos papéis dos aparelhos privados de hegemonia empresariais**. Marx e o Marxismo, v.8, n.14, jan/jun 2020.
- FUNK Ostentação**. Direção de Renato Barrerios e Konrad Dantas. São Paulo: Kondzilla, 2012. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8M3CRYQJMfM>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: volume 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- IASI, Mauro. **Política, Estado e ideologia**. São Paulo: ICP, 2017.
- IASI, Mauro. **As metamorfoses da consciência dc classe: o PT entre a negação e o consentimento**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

- KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- LAIGNIER, Pablo. Funk carioca revisitado: alguns apontamentos para uma economia política do gênero. **Lumina**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2011. DOI: 10.34019/1981-4070.2011.v5.20906. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20906>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- LEFEBVRE, Henri; GUTERMAN, Nobert. Introdução. In: LENIN, Vladimir Ilitch. **Cadernos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 13-98. LEONTIEV, Aleksei Nikoláievitch. **Atividade Consciência Personalidade**. Bauru: Mireveja, 2021. Tradução: Priscila Marques.
- MAIA, Heribaldo. **Neoliberalismo e sofrimento político: o mal-estar na universidade**. São Paulo: Ed. Ruptura, 2022.
- MANCEBO, Deise. **Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico**. Psicologia: Ciência e Profissão, São Paulo, v. 22, n. 1, p.100-111, 2002.
- MARTINS, Lígia Márcia.; ABRANTES, Ângelo Antônio.; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (org.). **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich.. **A ideologia Alemã**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NEYMARK, M. S.. Orientación de la personalidad y afecto cle inadecuación en los adolescentes. In: BOZHOVICH, Lúdia; BLAGONADEZHINA, Liubov. **Estudio de las motivaciones de la conducta de los niños y adolescentes**. Havana: Pueblo y Educación, 1978. p. 181-308.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologia da informação e da comunicação. **Revista Estudos Culturais**, [S.L.], n. 1, p. 1-18, 25 jun. 2014. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2446-7693i1p1-18>.
- PETERS, Michael. **Governamentalidade Neoliberal e Educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 211-224.
- PIRES, Luciana Costa; MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. **O manifesto do funk ostentação: uma leitura psicanalítica do discurso de dois adolescentes e a sua relação com o funk**. Spagesp, Belo Horizonte, v. 2, n. 20, p. 84-98, jul./dez. 2019.
- PINO, Angel; **O social e o cultural na obra de Lev. S. Vigostki**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 71, p. 45-78, 2000.
- RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich. **Princípios da Psicologia Geral: volume vii**. Lisboa: Estampa, 1977.
- SAFATLE, Vladimir.; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizononte: Autêntica, 2021.
- SANTOS, Luciane Neves; MOTA., Alessivânia Márcia Assunção; SILVA, Marcus Vinícius de Oliveira. **A dimensão subjetiva da subcidadania: considerações sobre a desigualdade social Brasileira**. Psicologia: Ciência e Profissão, [S.L.], v. 33, n. 3, p.700-715, 2013.
- SAVOŃKO, E. I.. Características de la correlación entre la orientación de la conducta por la autovaloración o por la valoración de los demás, según las edades. In: BOZHOVICH, Lúdia; BLAGONADEZHINA, Liubov. **Estudio de las motivaciones de la conducta de los niños y adolescentes**. Havana: Pueblo y Educación, 1978. p. 99-137.
- SÈVE, Lucien. **Marxismo e a teoria da personalidade**. Lisboa: Livros Horizonte, 1979.
- TARDELI, Everson de Alcântara. **O sindicalismo brasileiro ante a ofensiva neoliberal**. In: SEMINARIO DE SAUDE DO TRABALHADOR DE FRANCA, 8. de 2012, Franca.

TULESKI, Silvana Calvo; EIDT, Nadia Mara. A periodização do desenvolvimento psíquico: atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. In: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves. **Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento: do nascimento a velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 35-62.

VON MISES, Ludwig. **A Mentalidade Anticapitalista**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. Disponível em: <https://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/A%20Mentalidade%20Anticapitalista%20-%20WEB.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 71, n. ?, p. 21-44, jul. 2000.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de: Paulo Bezerra.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. O problema da consciência. In: VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 171-190. Tradução de Claudia Berliner.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e Criação na Infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. Tradução de: Zoia Prestes.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. O desenvolvimento cultural da criança. In: PRESTES, Zoia (org.). **Psicologia, educação e desenvolvimento: escritos de l.s. vigotski**. São Paulo: Expressão Popular, 2021a. p. 75-102. Tradução de Zoia Prestes.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **História do desenvolvimento das funções mentais superiores**. São Paulo: Martins, 2021b.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. El problema de la edad. In: VYGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras Escogidas IV**. Madrid: Machado Libros, 2012a. p. 251-274.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. Dinámica y estructura de la personalidad del adolescente. In: VYGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras Escogidas IV**. Madrid: Machado Libros, 2012b. p. 225-249.

ZEIGARNIK, B. V. **Psicopatologia**. Madrid: Akal Editor, 1981.

---

## Notas

<sup>1</sup> Mestrando em Psicologia Clínica no núcleo de Estudos Avançados em Psicossomática (PUC-SP). Colaborador do Laboratório de Estudos de Saúde e Sexualidade (Lessex). Psicólogo clínico. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3174231648048702>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3401-9223>. E-mail: [psicologia.julianobaltazar@gmail.com](mailto:psicologia.julianobaltazar@gmail.com).

<sup>2</sup> Modelo de Substituição de Importações.

<sup>3</sup><https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/para-mano-brown-pobres-estao-mais-conservadores-e-com-mentalidade-elitista/>. Acesso em: 14 jan. 2023

<sup>4</sup> No livro de 1976, *La Personalidad y su Formación en La Edad Infantil*, encontramos o termo direção da personalidade, já no livro de 1977 *Estudio de La Motivación de la Conducta de los niños y Adolescentes*, o conceito aparece como tendência ou orientação.

<sup>5</sup> A tradução do termo foi realizada pelo autor, no original é “motivos rectores” (BOZHOVICH, 1978, p. 4).

<sup>6</sup> Segundo pesquisa do Datafolha realizada em 12 capitais entre jovens de 15 a 29 anos, o funk é o estilo musical favorito de 24% dos entrevistados, junto ao rap/hip hop, e o pop, com mesma porcentagem. Fica atrás apenas do sertanejo com 30%. link: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/10/sertanejo-e-o-estilo-musical-mais-ouvido-entre-os-jovens-brasileiros-mostra-datafolha.shtml#:~:text=O%20sertanejo%20%C3%A9%20o%20estilo,familiar%20mensal%20e%20posicionamento%20pol%C3%ADtico>. Acesso em: 08 abr. 2023.

- <sup>7</sup> MC HR e MC Menor SG. Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=8sscTVbijZs>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- <sup>8</sup> MC Joãzinho VT, MC Don Juan, MC Pedrinho, MC Ryan SP, MC Kelvinho. Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=dkHSfYunuOw>. Acesso 12 abr. 2023.
- <sup>9</sup> <https://exame.com/economia/consumo-na-periferia-de-sao-paulo-cresce-mais-que-no-centro/>. Acesso em: 12abr. 2023.
- <sup>10</sup> Ver <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2012/09/21/pnad-constata-que-desemprego-em-2011-teve-o-menor-nivel-em-sete-anos.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- <sup>11</sup> Ver em: <https://memoria.ebc.com.br/2012/09/desemprego-caiu-quase-20-entre-2009-e-2011-mostra-pnad#:~:text=A%20queda%20tamb%C3%A9m%20foi%20generalizada,13%2C8%25%20em%202011>. Acesso: 12abr. 2023 .
- <sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D5VaHqdZ8qQ>. Acesso 10 jan. 2023.
- <sup>13</sup> Gíria que significa louco, i.e, não “vacile”, não faça errado.
- <sup>14</sup> Um modelo de carro de luxo
- <sup>15</sup> Motocicleta de luxo de 1100 cilindradas.
- <sup>16</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=x880Pze6eMg> . Acesso em: 13 abr. 2023
- <sup>17</sup> Eu sou patrão não funcionário, mc Menor do Chapa, lançada em 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j4NRMO21ZrM>. Acesso em: 09 abr. 2023.
- <sup>18</sup> mc Daleste, Angra dos Reis, lançada em 2012, disponível <https://www.youtube.com/watch?v=tu4z9ldfDO8>. Acesso em: 09 abr. 2023.
- <sup>19</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=QToec6FkpyY>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- <sup>20</sup> A gíria é bastante polissêmica, pode ser um segredo, algo escondido, sagaz, estilo. No contexto da música, o significado é de estilo. Consultar <https://www.dicionarioinformal.com.br/picadilha/>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- <sup>21</sup> Nas autoras citadas, o termo aparece como *autovaloración*, no qual consiste tanto uma avaliação das capacidades, características, sentimentos que o próprio sujeito faz de si, mas também uma valorização no sentido afetivo que o sujeito tem de si, podendo ser positiva ou negativa. Escolho o termo valorização ao invés de estima pois esse tem um sentido mais emocional aqui no Brasil, não captando o aspecto avaliativo num sentido mais cognitivo.
- <sup>22</sup> MC Pikeno e Menor, “De onde eu venho tem mais”, ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=vUV4CSs2sdo>. Acesso: 14 abr. 2023.

Recebido em: 18 de jan. 2023

Aprovado em: 19 de abr. 2023